

# A ÓPERA *ABUL* DE ALBERTO NEPOMUCENO: SUCESSOS E FRACASSOS EM 1913

*Flávio Carvalho*<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo traça os rumos tomados pela montagem da ópera *Abul*, de Alberto Nepomuceno, desde sua composição à sua estréia em Buenos Aires e Rosário, na Argentina e Montevidéu, no Uruguai. Para tanto, basearemos-nos em entrevistas e artigos de jornal publicados na imprensa desses locais, visando entender e analisar os fatos ocorridos naquele ano de 1913 e os fatores envolvidos nas histórias de sucessos e fracassos da ópera naquele ano de 1913.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música brasileira. Ópera-Brasil. Musicologia. Alberto Nepomuceno. Música vocal. Canto.

**ABSTRACT:** This article traces the routes taken for the assembly of the *Abul* opera, Alberto Nepomuceno, since its composition to its first appearance in Buenos Aires and Rosário, in Argentina and Montevidéu, Uruguay. For in such a way, base-in the ones in interviews and articles of periodical published in the press of these places, aiming at to understand and to analyze the facts occurred in that year of 1913 and the involved factors in histories of successes and failures of the opera in that year of 1913.

**KEYWORDS:** Brazilian music. Opera-Brazil. Musicologia. Alberto Nepomuceno. Vocal music. Song.

## Histórico da montagem

A ópera *Abul* de Alberto Nepomuceno é uma das poucas óperas brasileiras que tiveram sua estréia em um país estrangeiro, tendo sua primeira apresentação em Buenos Aires, Argentina, em 30 de junho de 1913, no *Teatro Coliseo*. Sua performance esteve a cargo da companhia lírica *La Teatral*, do empresário Walter Mocchi, que, naquela época, era o diretor do prestigiado *Teatro Costanzi*, em Roma, Itália.

*Abul* é inspirado no conto *A Romance of Faith*, do escritor americano Herbert D. Ward, o qual é publicado em fevereiro de 1894 no periódico *The century: a popular quarterly*, em Nova York, USA<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Flávio Carvalho é professor do Departamento de Música e Artes Cênicas da UFU. Doutor em Música pela UNICAMP. fcarvalho@demac.ufu.br

<sup>2</sup> WARD, Herbert D. (1894) *A Romance of Faith*. **The Century: a popular quarterly**. <http://cdl.library.cornell.edu/cgi-bin/moa>. Acesso em 10 /12/ 2002.

Nepomuceno certamente escreveu essa ópera entre o Rio de Janeiro - onde morava, durante a maior parte da semana, em um hotel - e Petrópolis - onde vivia nos fins de semana com a família, que lá morava, em uma concessão à sua esposa, Walborg Bang, que, sendo norueguesa, não se dava com o calor do Rio de Janeiro (Cf. PEREIRA, 1995, p. 214).

Será Luiz de Castro<sup>3</sup> quem nos informa que o compositor terminou a composição em um quarto de hotel (provavelmente no Rio de Janeiro) e que, no momento em que a termina, ele e sua companhia lírica, o Sindicato Lírico, estavam prontos para colocá-la em cena:

E entretanto, mal escreveste a última nota, artistas, coros, orquestra, cenários, vestuários, estava tudo ao teu dispor. Mais um mês e teu sonho seria realidade. Mas ai! Eis que bruscamente tudo se esvai: o teu 'Abul' não será mais representado; assim o quer a sorte adversa. Fere o artista a mais cruel decepção, e ele que sentia palpitar-lhe jubiloso e febril o coração ao ver aproximar-se o momento de ver cheia de vida a obra concebida com amor e levada a cabo entre amargas desilusões, ei-lo de novo a sós diante do seu manuscrito. (Jornal do Comércio, 30/07/1913).

Sabemos, por Avelino Romero S. Pereira, que houve mais uma tentativa de se montar a *Abul* em 1908, por ocasião da inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (Cf. PEREIRA, 1995, p. 257), mas ainda segundo este autor, em quatro de fevereiro de 1908, Alberto Nepomuceno escreve ao filho contando sobre o assassinato do Rei D. Carlos por um fanático republicano e que a estréia da ópera fora cancelada.<sup>4</sup>

Algum tempo depois, a companhia lírica *La Teatral* surge no Rio de Janeiro, na figura de seu Diretor artístico, Walter Mocchi, com a intenção de incluir a cidade em sua turnê pela América do Sul. Acreditamos que, em uma das cláusulas do contrato, a companhia se compromete a levar à cena uma ópera brasileira, sendo que a escolha recai sobre a *Abul*, como podemos inferir do artigo do periódico *A Noite*, escrito alguns anos depois, no qual se lê que o empresário deveria estar ciente de que “[...] a proteção que teve no Rio de Janeiro foi unicamente devida ao fato de levar à cena a ‘Abul’.” (A noite, 15/05/1915).

Ao nosso ver, a escolha se deve à significativa posição que Nepomuceno desfrutava, naquele momento, de ser quase uma unanimidade entre críticos,

---

<sup>3</sup> Castro, Luiz de. (Rio de Janeiro, 01/11/1863 - 09/03/1920). Jornalista, teatrólogo, representante no Brasil da Sociedade dos Autores Dramáticos, de Paris. Pseudônimos: Dora, Lulu Júnior, Quidam. (Cf. Enciclopédia da Literatura Brasileira, 2001)

<sup>4</sup> O próprio Teatro Municipal só será inaugurado em 1909, com a ópera “Moema” de Delgado de Carvalho.

artistas, intelectuais e políticos no cenário nacional da época, além de um artista consagrado pelo público em suas diversas apresentações, seja como regente, pianista, organista ou compositor.

Pelas entrevistas com o autor e outros artigos de jornal, principalmente na entrevista dada ao jornal *A Noite*, em 15 de maio de 1915, podemos inferir que o contrato firmado entre Nepomuceno e Mocchi continha algumas cláusulas interessantes: a ópera deveria ser apresentada pelo menos uma vez em cada teatro que a companhia lírica *La Teatral* se apresentasse, pelo menos entre 1913 e 1915, já que não temos nenhuma menção sobre o assunto após essas datas; deveria ser levada aos palcos do Teatro Costanzi na temporada lírica de 1914; seria cantada sempre no início da temporada da companhia em cada país ou teatro; os cortes a serem feitos na obra, visando a performance, deveriam ser discutidos e aprovados pelo compositor; o elenco deveria ser escolhido pelo próprio Nepomuceno.

Por que Nepomuceno, com seu ideal nacionalista, tão evidente em seus discursos e na bibliografia musical brasileira, aceitou que sua ópera tivesse estréia em Buenos Aires? Luiz de Castro esclarece, no seu discurso já citado, que Nepomuceno aguardou por uma companhia que fosse competente o bastante para representar sua ópera e recusou muitas propostas de “além-mar” (Cf. *Jornal do Comércio*, 30/07/1913). Certamente, os episódios frustrantes de suas intenções de montar a “Abul” no Rio de Janeiro devem ter pesado em sua decisão.

A montagem de *Abul* pela *La Teatral* é uma grande oportunidade para que Nepomuceno leve sua música aos palcos sul-americanos e europeus, conquistando um espaço privilegiado e almejado por compositores do mundo inteiro. O próprio Nepomuceno considerava que esta era uma “cartada” que jogava em prol da música brasileira e que, sendo bem sucedido, abriria espaço para outros compositores brasileiros que também poderiam se apresentar nos mesmos locais (Cf. PEREIRA, 1995. p. 258).

Parece-nos pertinente que ouçamos os ecos da voz do próprio compositor sobre sua escolha, em uma entrevista concedida por ele a um jornal argentino<sup>5</sup> - que o cita indiretamente - pouco antes de 30 de junho de 1913:

---

<sup>5</sup> Todas as traduções presentes neste artigo são do autor. El valor indiscutible de los intérpretes y el milagro que hizo Marinuzzi con su orquesta han de hacer admirado al maestro Nepomuceno; pero estoy convencido que este ilustre autor no ha quedado gratamente impresionado del señor Mocchi. La ejecución que oímos no fue un estreno ni un simple ensayo general, sino una pequeña prueba [...]. Todo lo perdonamos al señor Mocchi, pero eso de aventurar, malísimamente preparada y sobre todo estudiada muy poco, una obra de un autor muy respetable no, nunca, jamás se lo perdonaremos. Cuando no se quieren mantener los compromisos que se toman y cuando una obra está peligrando por su poca preparación compleja, no se permite que se represente y que se ponga en grave riesgo la fama de un maestro de la fuerza de Nepomuceno. Lastima que la mayor parte del público ignoraba todas estas cosas!... Con todo, felicitamos al maestro Nepomuceno por su buen triunfo y que le perdone, se quiere, á Walter Mocchi. (El Diario de la Plata, 01/07/1913).

Dentro de poucos dias, a companhia do Coliseo, nos brindará com mais uma estréia. A ópera 'Abul', do maestro brasileiro, Alberto Nepomuceno, diretor do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro [...].

Na ocasião em que fomos apresentados a ele, pediu-nos que saudássemos ao público portenho, que julga uma dos mais inteligentes em matéria de arte lírica e conhecimento dos cantores. Como reconhecimento, quis oferecer a estréia a esse público como uma homenagem. Além do mais, não queria estrear no Rio de Janeiro por tratar-se justamente de seu país e de sua cidade. Ali o reconhecem como músico e como diretor do Conservatório Nacional. Estas circunstâncias lhe fazem supor que o sentimento de imparcialidade ficaria comprometido, e impediriam um juízo imparcial. A obra podia obter um êxito ruidoso: o maestro talvez poderia supor que seus compatriotas lhe haviam aplaudido com condescendência e amizade. Podia fracassar: poderia, por sua vez, pensar que o fracasso não era devido às falhas da obra, e sim que ninguém é profeta em sua terra. Então, o caminho indicado era o estrangeiro. E do estrangeiro, nenhuma cidade como Buenos Aires, pelas circunstâncias apresentadas. Nos oferece a estréia, convencido de que aqui obterá um juízo verdadeiro, imparcial e competente.

A companhia do Coliseo lhe agradou desde o primeiro momento, tanto por seu artistas quanto pela experiente direção de Marinuzzi. Esta foi outra garantia oferecida a ele para a boa sorte de *Abul*. A ofereceu e foi aceita [...]. (El Nacional, [jun/1913]).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Dentro de breves días, la empresa de Coliseo, nos dará otra primicia, con el estreno de la Opera 'Abul', del maestro brasileño, Alberto Nepomuceno, director de Instituto Nacional de Música de Rio de Janeiro [...]. Al hacer nuestras presentación, aprovechó para pedirnos que saludáramos de su parte al público porteño que lo juzga sinceramente uno de los más inteligentes en materia de arte lírico y conocimiento de los cantantes. Ha querido ofrecer la primicia a ese público como un homenaje à das condiciones que reconoce y manifiesta. Además, no quería estrenar en Rio de Janeiro por tratarse justamente de su país y su ciudad. Allí le reconocen como músico y como director del conservatorio nacional. Estas circunstancias le hacen suponer inhabilitarían los sentimientos de imparcialidad e impedirían el juicio recto. Podía la obra obtener un éxito ruidoso: el maestro talvez llegará á suponer que sus compatriotas le habían aplaudido condescendientes y amigos. Podía fracasar: podía, en su cambio, pensar él, que el fracaso no era debido á fallas de la obra sino que nadie es profeta en su tierra. Entonces, el camino indicado para el extranjero. Y del extranjero, ninguna ciudad como Buenos Aires, por las circunstancias apuntadas. La primicia la ofrece, convencido de que aquí obtendrá un juicio verdadero, imparcial y de competentes. La compañía del Coliseo, le agradó desde el primer momento, tanto por sus artistas cuanto por la concienzuda dirección de Marinuzzi. Esta fue otra garantía ofrecida á él para la buena suerte de *Abul*. Y la ofreció y le fue aceptada [...]. (El Nacional, [ jun/1913])

Vejamos, então, como tudo se deu na capital argentina.

Mesmo informado da data prevista para a estréia de “*Abul*” por outra fonte que não Mocchi, em 24 de junho de 1913 Alberto Nepomuceno já está em Buenos Aires para acompanhar os ensaios e a preparação de sua ópera. Para sua surpresa, os músicos ainda não sabem uma linha sequer da partitura e os ensaios tiveram que ser em número muito reduzido, não havendo ensaio geral, comprometendo a obra em seu todo, como podemos ver pelo comentário de dois jornais argentinos sobre o episódio:

Sinto ter que culpar a simpática companhia La Teatral e, por conseguinte, ao senhor Walter Mocchi pela absoluta falta de delicadeza em relação ao autor de ‘*Abul*’. Muito superficialmente se têm feito as coisas para esta obra: não se cuidaram dos ensaios como se devia, e prova disso é a pouca ação cênica que desenvolveram os artistas que estavam como subjugados sob o peso da completa incerteza de suas partes!... por causa da falta de tempo foram cortadas muitas e muitas páginas de grande beleza, segundo nos informaram aqueles que a conhecem a fundo!

O valor indiscutível dos intérpretes e o milagre que fez Marinuzzi com sua orquestra farão com que o maestro Nepomuceno seja admirado; porém estou convencido que este ilustre autor não ficou gratamente impressionado com o senhor Mocchi. A execução que ouvimos não foi uma estréia nem um simples ensaio geral, foi sim uma pequena prova...

Tudo perdoamos ao senhor Mocchi, porém isso de aventurar, malissimamente preparada e, sobretudo, muito pouco estudada, uma obra de um autor tão respeitável, não, nunca, jamais o perdoaremos. Quando não se querem manter os compromissos que se assumem e quando uma obra está perigando por sua pouca preparação completa, não se permite que se represente e se coloque em grave risco a fama de um maestro da envergadura de Nepomuceno. Lastimo que a maior parte do público em geral ignorava todas essas coisas

Contudo, felicitamos ao maestro Nepomuceno pelo seu triunfo e que perdoe, se quiser, a Walter Mocchi. (El Diario de la Plata, 01/07/1913).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Siento ahora tener que inculpar á la simpática empresa ‘La Teatral’ y por consiguiente al señor Walter Mocchi la falta absoluta de delicadeza hacia el autor de ‘*Abul*’. Muy ligeramente se han hecho las cosas para esta obra: no se cuidaron los ensayos como se debía, y prueba de esto es la poca acción escénica que desarrollaron los artistas que estaban como subyugados bajo el peso de la completa inserteza de sus partes!... por causa

A interpretação de 'Abul' foi excelente no conjunto, e tratando-se de uma obra que teve poucos ensaios, é natural que alguns detalhes malograssem. (La Argentina, 01/07/1913).<sup>8</sup>

Também em uma carta encontrada na Biblioteca Nacional, datada de 03 de julho de 1913, de Nepomuceno a Alfredo Bevilacqua (seu colega no Instituto Nacional de Música), observamos mais uma confirmação da realidade encontrada pelo compositor nos dias que antecederam a estréia de sua ópera:

Meu caro Bevilacqua,

Recebi ontem o telegrama que você me mandou em nome do corpo docente e administrativo do Instituto e que me tocou muito, por mostrar que os meus amigos, colegas e companheiros acompanharam sempre a minha estadia aqui com a mais simpática expectativa, e com o interesse, o mais afetuosos. Muito obrigado a todos. Peço a você para fazer saber a todos minha gratidão. Foi uma noite inolvidável. Mas o que mais me comoveu foi a manifestação a parte *chiuse*, sem intervenção do público, tive dos coristas e depois da orquestra. Destes, os humildes e anônimos colaboradores de uma execução, que sem eles não poderia ter lugar, e que eles com má vontade poderiam fazer naufragar; destes, os sobrecarregados de trabalho, pois que na véspera da primeira do Abul, tiveram uma *matinée* com *Parsifal*, uma *soirée* com a *Carmen*, na segunda feira tiveram ensaio do Abul de 1:30 às 4:30 e à noite a representação; destes, fatigados de uma estação lírica de 50 dias na qual se fizeram 54 representações com 16 óperas, entre as quais *A Walkíria*, *Parsifal*, destes, repito, é

---

de falta de tiempo se ha tenido que cortar a la obra muchas y muchas páginas de gran belleza, según nos informan quienes la conocen á fondo!El valor indiscutible de los intérpretes y el milagro que hizo Marinuzzi con su orquestra han de hacer admirado al maestro Nepomuceno; pero estoy convencido que este ilustre autor no ha quedado gratamente impresionado del señor Mocchi. La ejecución que oímos no fue un estreno ni un simple ensayo general, sino una pequeña prueba [...].Todo lo perdonamos al señor Mocchi, pero eso de aventurar, malísimamente preparada y sobre todo estudiada muy poco, una obra de un autor muy respetable no, nunca, jamás se lo perdonaremos. Cuando no se quieren mantener los compromisos que se toman y cuando una obra está peligrando por su poca preparación compleja, no se permite que se represente y que se ponga en grave riesgo la fama de un maestro de la fuerza de Nepomuceno. Lastima que la mayor parte del público ignoraba todas estas cosas!...Con todo, felicitamos al maestro Nepomuceno por su buen triunfo y que le perdone, se quiere, á Walter Mocchi. (El Diario de la Plata, 01/07/1913).

<sup>8</sup> La interpretación de 'Abul' ha sido excelente en conjunto, y tratándose de una obra que tuvo pocos ensayos, es forzoso que algunos detalles se malogaran. (La Argentina, 01/07/1913).

realmente comovente receber uma manifestação na intimidade, segregados do público, sós. E eu, meu caro Bevilacqua, jamais esquecerei (Nepomuceno, 1913, carta manuscrita).

Como podemos ver, o contrato firmado entre as partes – Mocchi e Nepomuceno – é desrespeitado mais uma vez, na primeira apresentação da ópera “*Abul*”, dando-se sua estréia como última ópera da temporada em Buenos Aires.

Três fatos nos chamam a atenção nos últimos trechos citados: os músicos e cantores tinham pouca intimidade com a obra e, portanto, tiveram sua performance prejudicada; os poucos ensaios também refletiram na ação cênica, fazendo com que ela também ficasse limitada, comprometendo a movimentação; os muitos cortes feitos na obra pelo regente ou pelo diretor artístico – e que Nepomuceno teve que aceitar –, certamente, dificultaram o entendimento da trama. Podemos, então, conjecturar sobre a qualidade da performance desta primeira récita da ópera *Abul* em Buenos Aires, e refletir um pouco sobre seu sucesso de público e crítica naqueles dias: uma ópera prevista para três horas de espetáculo, estudada em poucos ensaios, com um *cast* já fatigado de uma turnê de 50 dias na Argentina, com apresentações em *matinée*, *soirée* e *gala*. Seria impossível uma apresentação primorosa de uma peça tão extensa e tão arrojada musicalmente como a *Abul*. Certamente estavam ali cantores, coro e músicos competentes, mas, ainda assim, seria difícil que naquelas circunstâncias os produtos musical e cênico apresentados para os argentinos tenham sido primorosos. Apesar de tudo, a ópera foi um sucesso de público.

Avaliemos este êxito a partir das críticas feitas pelos jornais argentinos. Ouçamos suas vozes sempre francas e muitas vezes duras com relação à estréia da ópera *Abul*.

## A crítica argentina e uruguaia

Depois de todos os contratemplos, a ópera “*Abul*” é levada à cena em 30 de junho de 1913 no *Teatro Coliseo*, de Buenos Aires, com os seguintes intérpretes que, em mais uma quebra de contrato, não foram escolhidos pelo compositor (Cf. PEREIRA, 1995, p. 262): Maria Farnetti (Iskah); Elvira Casazza (Shinah); Jose Palet (Abul); Mariano Stabile (Therak); Berardo Berardi (Amraphel); Assunta Bucciarelli (Donna del popolo); Maria Galeffi (*una sacerdotessa*); Gino Marinuzzi (diretor), orquestra e coro da Companhia Lírica do *Teatro Costanzi* de Roma. Seguramente foi um sucesso de público. Os jornais são unânimes em ressaltar que os intérpretes e o compositor foram chamados ao procênio várias vezes, ao final de cada ato: os artistas foram chamados três vezes ao final do primeiro ato, e o autor, cinco; no segundo, foram chamados “várias vezes”, e o autor, três; o terceiro ato terminou em uma ovação prolongada aos artistas e ao autor.

Estavam presentes à estréia Ernesto Bosch (ministro argentino das Relações Exteriores) e sua esposa, representando o presidente daquele país, Saens Peña. Também estava presente o ministro Dr. Sousa Dantas, que era o delegado oficial do governo brasileiro na capital Argentina. Jornalistas brasileiros são mandados para acompanhar os fatos e de lá mandam notícias através do telégrafo.<sup>9</sup>

Além do nacionalismo que Nepomuceno carrega consigo e que se apresenta no fato de ele exibir sua ópera como um produto cultural brasileiro de exportação, o pan-americanismo se faz presente nos escritos da crítica especializada da Argentina naquela data. Entretanto, como veremos, esta propaganda de confraternização americana, tendo como bandeira uma obra de arte, não é consenso. Até mesmo os aplausos são considerados por pontos de vista totalmente distintos daqueles dos brasileiros, como veremos:

‘Abul’ de Alberto Nepomuceno, foi executada ontem à noite. Confessamos que não gostamos nada das palavras do programa da função: Grande Festival Artístico de Confraternização Argentino-Brasileira. E menos ainda esta frase, que ouvimos mais de uma vez na sala: - Aplaudimos acima de tudo ao Brasil. Não, não, nem a confraternização entre nossos países, nem o Brasil podem estar em jogo, tratando-se de uma obra de arte. Seria perigoso dar às nações, em suas relações, a estas como base [...]. E tudo o que foi dito, sai de nosso espírito que sempre esteve pleno de profunda simpatia, que talvez tenha origens atávicas, e não apenas nasce de nosso pensamento político, na República do Brasil. (El Tiempo – 01/07/1913).<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> O jornalista do Jornal do Comércio manda um telegrama ao fim de cada ato do espetáculo. No, no, ni la confraternidad entre nuestros países, ni el Brasil, pueden estar en juego, tratándose de una obra de arte. Sería peligroso, dar a las naciones, en sus relaciones, a estas como base [...]. Y todo lo dicho, sale de nuestro espíritu, que siempre ha estado y está fijo con honda simpatía, que talvez, tiene orígenes atávicos, y no solo nace de nuestro pensamiento político, en la República des Brasil [...].“ (El Tiempo – 01/07/1913).

<sup>10</sup> ‘Abul’ de Alberto Nepomuceno, se ejecutó anoche en el Coliseo. Confesamos, que no nos gustaron nada estas palabras del programa de la función: - Gran Festival Artístico de Confraternidad Argentino-Brasileira. Y menos esta frase, que en la sala oímos más de una vez: - Aplaudimos, sobre todo, al Brasil. No, no, ni la confraternidad entre nuestros países, ni el Brasil, pueden estar en juego, tratándose de una obra de arte. Sería peligroso, dar a las naciones, en sus relaciones, a estas como base [...]. Y todo lo dicho, sale de nuestro espíritu, que siempre ha estado y está fijo con honda simpatía, que talvez, tiene orígenes atávicos, y no solo nace de nuestro pensamiento político, en la República des Brasil [...].” (El Tiempo – 01/07/1913).

Também podemos ler em um artigo que tem por título “‘Abul’ do maestro Nepomuceno: um punhado de boas intenções”,<sup>11</sup> do jornalista que assina *Pepe el Traquilo*, que, em sua visão, os aplausos não foram tão espontâneos como poríamos imaginar:

Prescindamos da crônica dos aplausos e chamadas à cena do autor. Em outra parte explicamos certas coisinhas muito amenas – ou muito tristes – da confraternização e, por outra parte conhecíamos os bastidores das homenagens desde ontem à noite. Walter Mocchi, ao final de um banquete nos confessou que o êxito estava assegurado e que não podia falhar. Horas antes havia combinado com o grande Bordi quatro saídas do autor no primeiro ato, cinco no segundo e apoteose final... Não soltaram pombinhas, porque a Farnetti poderia se ofender. Ela acredita ser a única merecedora dessas raras homenagens. (El Teatro e los Artistas, 01/07/1913).<sup>12</sup>

A prática da claqué é conhecida e utilizada no mundo todo, mas há nas duas últimas citações, a indicação de que as pessoas envolvidas naquela performance estavam muito preocupadas com o acontecimento e queriam que o espetáculo fosse um sucesso. Mais uma vez, o nome de Walter Mocchi aparece citado como articulador das homenagens propostas ao compositor e ao espetáculo como um todo, juntamente com o “gran Bordi”, diretor do *Teatro Coliseo*.

Outro elemento que se evidencia aqui é a confraternização entre Brasil e Argentina. Podemos perceber que a récita de estréia da *Abul* foi usada como um instrumento de propaganda do Brasil perante o público. A ópera representou ali um símbolo de que a produção cultural das Américas crescia e que esta obra seria um marco deste engrandecimento americano. Constatamos que alguns padrões nacionalistas – principalmente, a criação de um patrimônio artístico que nos representasse diante das nações “mais civilizadas” daquele tempo, que demonstrasse que também somos seus iguais – são aplicados aqui como padrões do processo de identidade sul-americano. O jornal *La Razón* escreve que a estréia da ópera *Abul* é de “[...] particular interesse para todos quanto se

---

<sup>11</sup> ‘Abul’ del maestro Nepomuceno: un puñado de buenas intenciones.

<sup>12</sup> Prescindamos de la crónica de aplausos y llamadas á escena del autor. En otro lugar explicamos ciertas cosillas muy amenas – o muy tristes – de la confraternidad y, por otra parte, conocíamos los entretelones de los homenajes desde anteanoche. Walter Mocchi al final de un banquete nos confesó que el éxito estaba asegurado y no podía fallar. Horas antes había combinado con el gran Bordi cuatro salidas del autor en el primer ato, cinco en el segundo y apoteosis final... No se largaron palomitas porque la Farnetti se hubiera resentido. Ella cree que es la única acreedora á esos singulares homenajes. (El Teatro e los Artistas, 01/07/1913).

preocupam com o desenvolvimento da arte musical na América do Sul [...]” (Cf. La Razón, 01/07/1913).

Podemos observar esse sentimento quando o colunista do jornal *El Tiempo* diz ter ouvido as pessoas comentarem que aplaudiam sobretudo ao Brasil. Ainda mais claro é o artigo do jornal *El Teatro e los Artistas*, no qual o autor diz:

Deixemos as considerações e sigamos à obra; ópera brasileira e ao mesmo tempo americana, que tem, por essas razões, transcendentalíssima importância. Não será ela, segundo palavras de Mocchi, a obra que irá mostrar na Itália o valor dos compositores do continente vizinho? Não será ela o exemplar de nossa indústria musical que cruzará o Atlântico para ser exposta ante a Europa e demonstrar que na América não há só café, boas carnes e bons trigos?

Sim, ‘Abul’ será isto. Não será sepultado em um arquivo como se espera, mas participará de uma *turnée* por diversos países, assim como os potinhos de moka, as espigas de milho e as carnes congeladas. Deles...ai! depende nosso crédito e suspiramos e gememos ante a isto, porque com ‘Abul’ nosso crédito artístico ficará ao par do crédito moral que se concede às trupes de opereta ou ao patrocínio que se concede aos jornalistas. (*El Teatro e los Artistas*, 01/07/1913).<sup>13</sup>

As críticas feitas à obra também estão presentes nos periódicos. Os pontos atacados são principalmente a técnica composicional wagneriana, o libreto e suas limitações cênicas e formais, e o enredo.

Da técnica wagneriana reclamam que, apesar de excelente construção da estrutura musical, os defeitos de Wagner estão mais presentes que suas qualidades – alguns dizem mesmo que falta talento ao compositor, como veremos mais adiante, e que o libreto não colabora com uma ação cênica mais movimentada, levando os cantores a uma atitude bastante estática em cena.

---

<sup>13</sup> Demos pues, un salto oportuno sobre todo eso y caigamos en la obra; ópera brasileña y por ende americana, que tiene por esas razones trascendentalísima importancia. ¿No será ella, según frases de Mocchi, la que muestre en Italia lo que valen los compositores del continente vecino? ¿No será el ejemplar de nuestra industria musical que cruzará el Atlántico para ser expuestas ante Europa y demostrar que en América no solo hay café, buenas carnes y buenos trigos? Si, ‘Abul’ será eso. No irá á sepultarse en el archivo como debiera, sino que principiará una tournée por diversos países, como van los tarritos de moka, las espigas de maíz, las carnes congeladas. De ella ¡ay! depende nuestro crédito y suspiramos y gemimos ante esto, porque con ‘Abul’ nuestro crédito artístico quedará al par del crédito moral que se concede á las tiples de opereta ó el financiero que se concede á los periodistas. (*El teatro e los artistas*, 01/07/1913)

Também há a reclamação de que Nepomuceno não é Carlos Gomes, e que o compositor poderia ter escolhido para enredo de sua ópera uma lenda brasileira ou algo assim. Estes mesmos pontos serão debatidos em 1915, quando a ópera for apresentada em Roma.

A presença de Carlos Gomes como parâmetro de comparação com Nepomuceno é compreensível já que, àquela época, seria o único compositor brasileiro de ópera conhecido fora dos palcos do Brasil. Dentre as óperas de C. Gomes, a mais conhecida delas é *O Guarany*. Isto deve ter criado no público do *Coliseo* uma expectativa de ver e ouvir na récita de uma ópera brasileira os exotismos da nossa cultura indígena, os sons de nossa fauna e flora, o verde das matas brasileiras, ou qualquer coisa que se ligue ao folclore ou ao imaginário brasileiro. Sabemos que os jornais de Buenos Aires, e posteriormente, de Rosário - as duas cidades argentinas onde a ópera foi encenada - tinham já apresentado resumos da ópera alguns dias antes da estréia, além de apresentarem o compositor e seu currículo como homem ligado às mais recentes linhas composicionais do momento.

O libreto da *Abul* - que nada tem de brasileiro, folclórico ou do exotismo tropical esperado - não foi bem recebido pela crítica. Embora uma pequena parte dos colunistas tenha escrito que ele guardava uma estrutura homogênea e sem falhas dramatúrgicas, a maioria desaprova o libreto, vendo nele um enredo que não é o mais adequado a uma obra como aquela, já que não oferece as possibilidades cênicas variadas que, na opinião deles, deveriam estar presentes em uma ópera. Os adjetivos “pesado”, “escuro”, “denso” e “desinteressante” são comuns na descrição da trama pelos jornais. Ainda assim, há os que afirmam que Nepomuceno encontrará seu caminho quando achar um libreto melhor e mais propício. Outros aplaudem a iniciativa de Nepomuceno e confiam que, no futuro, uma obra melhor virá.

Vejamos como isto se apresenta nos diversos artigos, primeiramente, sobre a escola wagneriana:

‘Abul’ é de uma excelente concepção. O maestro Nepomuceno é uma pessoa de intenções muito dignas. De antemão, pensa qual o Sr. Ricardo [sic] Wagner [...] – o autor de ‘Lohengrín’ [sic] – que aquele que faz uma ópera procede prudentemente fazendo libreto e partitura. [...] O maestro Nepomuceno é também como Wagner no desenvolvimento de sua obra. Faz o drama lírico e não uma ópera e sua obra não é uma série de números musicais, mas um todo perfeitamente unido. Os personagens, por outro lado, não cantam de forma articulada, sacrificando tudo ao ‘bel canto’. Ora! Não há romanzinhas, nem duos, nem tercetos, nem quartetos, nem concertantes. [...] ao maestro Nepomuceno aconteceu o mesmo que a todos os sucessores de Wagner. Imitaram-no muito bem na teoria,

porém nas realizações, fracasso completo. No que conseguem igualar-se a ele é dar força soporífera aos espetáculos. Falta-lhes essa coisinha chamada inspiração, talento, gênio, etc.

‘Abul’ é um punhado de boas intenções. O maestro Nepomuceno quis fazer obra de músico culto, de músico íntegro, de músico moderno, e quase conseguiu. Não lhe faltou nada mais que uma coisinha; essa coisinha que dissemos mais acima. (El Teatro e los Artistas, 01/07/1913).<sup>14</sup>

Wagner e Cesar Franck, e junto com eles os compositores clássicos da música religiosa, deixaram marcas profundas no espírito musical de Nepomuceno, que sabe conservar sua originalidade e seu estilo próprio, apesar da influência que se nota desses compositores. Sem pretensões ou rebuscamentos dentro de uma veia melódica suave e tranqüila, o maestro brasileiro realiza um belo esforço, digno de aplauso e de louvor. Assim o compreendeu o público que aplaudiu com verdadeiro entusiasmo. (El Nacional. 01/07/1913).<sup>15</sup>

[...] felizmente não se parece nem com Puccini, nem com Mascagni, nem usa procedimientos [...] da escola modernista pseudo-wagneriana. Sua instrumentação é parecida à última maneira de Verdi em ‘Otelo’ e em ‘Falstaff’ (talvez em ‘Aida’), e não pouco à escola do autor de

---

<sup>14</sup> ‘Abul’ es una estupenda concepción. El maestro Nepomuceno es una persona de muy dignas intenciones. Ante todo, piensa con don Ricardo [sic] Wagner – el autor del ‘Lohengrín’ [sic] [...] – que el que hace una ópera procede cuerdamente haciéndose libreto y partitura. [...] El maestro Nepomuceno es también como Wagner en el desarrollo de su obra. Hace el drama lírico, no la ópera y su obra no es una serie de números musicales sino un todo perfectamente aunado. Los personajes, por otra parte, no cantan en la forma anticuada, sacrificándolo todo al ‘bel canto’ [sic]. ¡Quiá! No hay ni romancitas, ni dúos, ni tercetos, ni cuartetos, ni concertantes. [...] al maestro Nepomuceno le ha pasado lo que á todos los sucesores de Wagner. Lo imitaran muy bien en las teorías, pero en eso de la realización, plancha completa. En lo único que consiguen igualarlo es al dar fuerza soporífera á los espectáculos. Les falta esa cosita denominada inspiración, talento, genio, etc. ‘Abul’ es un puñado de buenas intenciones. El maestro Nepomuceno ha querido hacer obra de músico culto, de músico probo, de músico moderno y casi lo ha conseguido. Non le ha faltado nada más que una cosita; esa cosita que decimos más arriba. (El Teatro e los Artistas, 01/07/1913).

<sup>15</sup> Wagner e César Franck, y con este los clásicos maestros de la música religiosa, han dejado huella profunda en el espíritu musical del maestro Nepomuceno, quien sabe conservar su originalidad y su estilo propio, á pesar de la influencia que de ellos se nota. Sin pretensiones ni rebuscamientos dentro de una vena melódica suave e tranquila, el maestro brasileño realiza un hermoso esfuerzo, digno del aplauso y de la loa. Tal lo comprendió el público, que aplaudió con verdadero entusiasmo. (El Nacional. 01/07/1913).

'Parsifal', por sua robustez de baixos e cordas. (El Racional, 01/07/1913).<sup>16</sup>

A seguir, veremos a presença de Carlos Gomes como modelo e parâmetro:

[...] falemos [...] sobre a ópera de Alberto Nepomuceno.

O que encontramos nela?

Nada mais que isso – escrita musical, qualidade orquestral, técnica. Não tivemos um minuto de emoção ouvindo 'Abul'.

Alberto Nepomuceno, pelo menos nessa obra, não é poeta.

Involuntariamente, já que não nos agradam as comparações, porque não são definições, temos pensado, ao ouvir a 'Abul', no 'Guarany' e em Carlos Gomes, escutando com atenção total à obra de Alberto Nepomuceno.

Carlos Gomes, esse sim, era poeta.

Sem dúvida, seu 'Guarany', como composição, não conserva hoje o mesmo interesse de quando foi escrita, já que Ricardo [sic] Wagner veio fixar uma nova técnica na música de ópera. (El Tiempo, 01/07/1913).<sup>17</sup>

Quando o Sr. Nepomuceno encontrar um drama que por sua índole consiga ferir faculdades tão essenciais ao gênio musical e lírico, o autor de 'Abul' [sic] será chamado a continuar em sua pátria a gloriosa tradição aberta por seu ilustre compatriota Gomes [...]" (La Nación, 01/07/1913).<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> [...] felizmente no se parece ni á Puccini, ni a Mascagni, ni usa procedimientos [...] de la escuela modernista pseudo-wagnerista. Su instrumentación es parecida á la última manera de Verdi, en 'Otelo' y 'Falstaff' (sic) (talvez en 'Aída'), y no poco á la escuela del autor de 'Parsifal', por su robustez de bajos y cuerdas. (El Racional, 01/07/1913) Carlos Gomes, ese sí que era poeta. Sin duda, su 'Guarany', como factura, no conserva hoy, el mismo interés que en los días en que escribiera, ya que Ricardo [sic] Wagner ha venido a fijar una nueva técnica en la música de ópera. (El Tiempo, 01/07/1913).

<sup>17</sup> [...] hablemos [...] de la ópera de Alberto Nepomuceno. ¿Qué encontramos en ella? Nada más que esto – escritura musical, valor de orquesta, técnica. No hemos tenido un solo momento de emoción, oyendo a 'Abul'. Alberto Nepomuceno, en esta obra por lo menos, no es poeta. Involuntariamente, como que no nos gustan las comparaciones, porque no son definiciones, hemos pensado, al oír a 'Abul' en el 'Guarany', y en Carlos Gomes, escuchando, con sin igual atención, a obra de Alberto Nepomuceno. Carlos Gomes, ese sí que era poeta. Sin duda, su 'Guarany', como factura, no conserva hoy, el mismo interés que en los días en que escribiera, ya que Ricardo [sic] Wagner ha venido a fijar una nueva técnica en la música de ópera. (El Tiempo, 01/07/1913).

<sup>18</sup> Cuando el Sr. Nepomuceno encuentre el drama, que por su índole consiga herir facultades tan esenciales al genio musical y lírico, el autor de 'Abul' [sic], será el llamado a continuar en su patria la gloriosa tradición abierta por su ilustre compatriota Gomes. (La Nación, 01/07/1913).

Finalmente, as críticas ao libreto e ao enredo:

[...] ainda que ‘Abul’ recorde a ‘Sansão e Dalila’ até pelo contexto e disposição dos quadros dramáticos, a ópera do Sr. Nepomuceno aponta o defeito essencial das produções inspiradas em sentimentos muito elevados: a austeridade inerente a tais sentimentos, que impõem a sua expressão musical e dramática estagnação e uma gravidade que não condizem com as modalidades que deve conservar um espetáculo teatral. (La Nación, 01/07/1913).<sup>19</sup>

O libreto de ‘Abul’ é pesado e a partitura guarda sempre uma perfeita concordância com ele. Falta interesse naquele e emoção nesta, e quando a obra se conclui e se faz o balanço do que se experimentou, conta-se que estivemos diante do ensaio insistente de um músico que quer fazer música com a maior boa vontade. E alguém poderia pensar o quão útil poderia ser a intervenção das valsas vienenses no repertório lírico. (El Teatro e los Artistas, 01/07/1913).<sup>20</sup>

Qual é a causa da falta de emoção em ‘Abul’?

Primeiro, a ausência do amor no episódio que a constitui.

A ideologia que predomina nela, a questão religiosa, contribui, poderosamente, para isto.

O fato de que Alberto Nepomuceno tenha se inspirado em um episódio que não é de seu país, também deve ser apontado entre os motivos da inferioridade emotiva indicados.

Esta circunstância é, nos brasileiros sobretudo, dado o seu temperamento tão específico, de verdadeira importância.

De todo modo, ‘Abul’ obterá sempre um êxito de estima, como dizem os franceses.

---

<sup>19</sup> Aún más que ‘Sansón Y Dalila’ [sic], que ‘Abul’ recuerda hasta por la contextura y disposición de los cuadros dramáticos, la ópera del Sr. Nepomuceno acusa el defecto esencial a las producciones inspiradas en sentimientos demasiado elevados, la austeridad inherente a tales sentimientos, que impone a su expresión musical e dramática una parquedad y una gravedad que no conciden con las modalidades que debe conservar un espectáculo teatral. (La Nación, 01/07/1913).

<sup>20</sup> El libreto de ‘Abul’ es pesado y la partitura guarda siempre una perfecta concordancia con el libreto. Falta interés en aquél, falta emoción en esta, y cuando la obra concluye y se hace el balance de lo experimentado, se constata que se ha estado ante el ensayo insistente de un músico que quiere hacer música con la mejor buena voluntad. Y uno piensa entonces cuán útil podría ser la intervención de los valsos vienenses en el repertorio lírico. (El Teatro e los Artistas, 01/07/1913)

Como tentativa de ópera americana, também devemos aplaudi-la. E aplaudamos a empresa, a companhia e a orquestra, por tê-la colocado em cena. (El Tiempo, 01/07/1913).<sup>21</sup>

[...] a letra do poema também é do maestro e foi inspirada no conto caldeo do escritor alemão Herbert C. Ward, com libreto do professor C. Parlagreco. O conto não apresenta ao autor a teatralidade às vezes exigida pelo público, nem apresenta ao autor abundantes ocasiões para musicar cenas brilhantes nem de interesse visual. De maneira que dentro da frieza emanada do argumento, somente com grandes esforços ou dispendo de verdadeira preparação musical e uma inspiração viva e inesgotável se podia compor uma obra interessante. (El Racional, 01/07/1913)<sup>22</sup>

Dessa forma, percebemos que pontos de controvérsia da ópera foram vistos e apontados pela imprensa portenha, a qual também elogiou qualidades da obra, sua fatura musical, sua orquestração e a interpretação dos cantores. Foram também generosos com a atuação do regente da orquestra, Gino Marinuzzi, escrevendo sobre sua cuidadosa interpretação e de sua condução firme e segura da orquestra. Um dos colunistas atribui ao regente o milagre de fazer com que a orquestra interpretasse tão bem a obra, e que isto, junto aos cantores, seria o motivo do sucesso da *Abul* em Buenos Aires (Cf. El Diario de la Plata, 01/07/1913).

Sentimos, porém, que há uma resistência por parte dos periódicos portenhos em dar à “*Abul*” as mesmas loas que lhe deu o público. Parecem

---

<sup>21</sup> ¿Cuál es la causa de esa falta de emoción en ‘Abul’?

Primero, la ausencia de amor en el episodio que la constituye.

La ideología que en ella predomina, la cuestión religiosa contribuye, poderosamente, a lo mismo.

Ele hecho que Alberto Nepomuceno se haya inspirado en un episodio que no es de su país, habrá de señalarlo, también entre los motivos de la inferioridad emotiva indicados. Esta circunstancia es, en los brasileños, sobre todo, dadas sus naturalezas tan específicas, de verdadera importancia. De todas maneras, ‘Abul’, obtendrá siempre un éxito de estima, como dicen los franceses. Como tentativa de ópera Americana, la debemos aplaudir, también. Y aplaudamos a la empresa, a la compañía y a la orquestra, por haberla puesto en escena [...]” (El Tiempo, 01/07/1913).

<sup>22</sup> [...] La letra del poema pertenece también al maestro y está inspirada en el cuento caldeo del escritor alemán Herbert C. Ward, con libreto del profesor C. Parlagreco. Este no presenta al autor a la teatralidad a veces exigida por el público, ni presenta al autor abundantes ocasiones para musicar escenas brillantes ni de interés visual. De manera que dentro de la frialdad emanada del argumento, solamente con grandes esfuerzos ó disponiendo de verdadera preparación musical y una inspiración viva e inagotable, se podía componer una obra interesante. (El Racional, 01/07/1913).

muito cautelosos nos elogios. As críticas terminam com um voto de confiança ao compositor, como representante do desenvolvimento cultural e musical sul-americano o qual ainda está em processo; naquele momento, apesar de já demonstrar sua força expressiva nas obras de vários compositores sul-americanos, ainda era vista com reservas. O artigo publicado no *L'última Hora*, que veremos a seguir, apresenta um resumo dos sentimentos presentes nos escritos vistos:

### **Os exageros da confraternização**

#### **Ídolos falsos**

#### **A farsa de ontem à noite**

Um cronista argentino foi há pouco tempo a Madri e num de seus principais teatros fez representar uma de suas produções teatrais, um sainete vulgar, comum, etc. Porém teve um êxito colossal.

O que determinou o êxito de uma produção vulgar, sem graça e com menos importância do que graça? Quais razões fizeram do modesto cronista, que aqui passa despercebido pelas multidões, algo assim como um gênio? Por acaso aqui havíamos sido injustos com ele e o público madrilenho reparou os nossos erros? Ora! Este autor que esteve em Madri não enganou a ninguém por aqui. Todos se riram intimamente de sua lucubração e se fizeram as críticas mais impiedosas, porém lhe ovacionavam. Por quê? Porque era um autor argentino e na Espanha nos querem muito bem [...]. À sombra da pátria, por razões de confraternização, um modesto cronista foi elevado à categoria de gênio, ali onde as pessoas não tratam com maior carinho nem as personalidades mais importantes de sua literatura. E, aqui, à noite passada se passou o mesmo. O maestro Nepomuceno, autor da ópera 'Abul' recebeu todas as homenagens de afeto, a simpatia, os vínculos que a diplomacia estabelecem para o Brasil. A confraternização ganhou homenagens que nem a obra magna de Ricardo [sic] Wagner conseguiu. 'Parsifal' não mereceu de nosso público nem a décima parte de expressões afetuosas de 'Abul', a quem ontem à noite ovacionaram até mesmo os mais elitizados do teatro. A consagração foi geral [...]

Os cronistas teatrais hoje tocam bumbo em honra a obra do autor, até aqueles que há uma semana apenas se declararam pouco conformes com a arte de Wagner no 'Parsifal' e arremeteram contra Ricardo [sic] Strauss de forma violenta. O maestro 'Abul', quer dizer, o maestro Nepomuceno, escreve melhor que eles a deduzir pelas crônicas, e sua ópera Nepomuceno, quer dizer, 'Abul', é superior às duas citadas e a quantas se vêm importando da Itália, há cinco anos, pois todas foram motivo de duras críticas desses colegas hoje tão entusiastas [...].

A farsa dos madrilinhos se repete. O que foi motivo de zombarias – que se dissimulavam com o esforço do aplauso veemente – e hoje deveria ser tema fecundo para a crônica festiva, é venerado por causa da confraternização. Público e crítica viram em ‘Abul’ um símbolo do Brasil, e para demonstrar afeto à república vizinha, se realizou uma comédia no fundo mais amarga do que parece. O maestro não pode perceber a falsidade de todo o ocorrido ontem à noite; ele não pode dar-se conta, emocionado pelo batismo de sua produção, de que nos entusiasmos de ontem à noite não entravam as suas faculdades de músico e nem de literato, que tudo era obra da empresa – dignamente representada pelo grande Bordi e seus rapazes entusiastas – e da diplomacia... nem sequer se apercebeu da farsa quando a Farnetti terminou uma espécie de romança na metade do segundo ato, o público interrompeu a obra gritando vigorosamente: - O autor! O autor!

Nós não entendemos que o amor a um país deva expressar-se assim, nem mesmo que a diplomacia deva intervir nas questões de arte, pois a obra de arte não tem pátria e deve sempre se considerar por seus graus de beleza, não por sua procedência. O maestro Nepomuceno é merecedor de todo tipo de gentilezas por ser uma pessoa simpática correta e culta. Porém, não se deve exagerar a nota como se tem feito, pois se cai no ridículo e no doloroso. O que dirão no Brasil, quando conhecerem ‘Abul’, do nosso critério artístico? O maestro Nepomuceno tragará a pílula, tendo visto nossas reservas ante ‘Parsifal’ e nossas arremetidas contra ‘Salomé’ de Strauss? Se não se sente superior a Wagner e a Strauss, deve sofrer imensamente ante o embuste, ante as homenagens, que são como as homenagens das ‘coquetes’... E se sente merecedor de todas estas homenagens, a sua pena será maior. Os cronistas do Brasil se encarregarão de baixá-lo de sua torre de sonhos, e como esta é muito elevada, a queda será maior, salvo se o maestro Nepomuceno se aferrar às suas crenças ou se consolar ante suas fraquezas dizendo: ‘ninguém é profeta em sua terra’. Ou pensará sobre as severas críticas que Wagner sofreu em sua época [...]. (L’ultima Hora, 01/07/1913).<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> **Los excesos de la confraternidad**

**Ídolos falsos**

**La farsa de anoche**

Un cronista argentino fue hace poco á Madrid y en uno de sus teatros principales hizo representar una de sus producciones teatrales, un sainete vulgar, chabacano, etcétera. Pero obtuvo un éxito colosal [...].

¿Qué fue lo que determinó el éxito de una producción vulgar, sen gracia y con menos importancia que gracia? ¿Cuáles razones hicieron del modesto cronista que aquí pasa desapercibido entre el montón, algo así como un genio? ¿Acaso aquí habíamos sido

Sabemos pelo Jornal do Comércio que a Companhia *La Teatral* deixou a capital argentina no dia seguinte à estréia da *Abul*, ou seja, dia 1º de julho de 1913, indo para Rosário, no mesmo país, onde também fez uma temporada lírica

---

injustos con él y el público madrileño reparaba nuestros errores? ¡Quiá! El autor ese en Madrid como aquí no engañó á nadie. Todos se rieron íntimamente de su lucubración, se le hicieron los chistes más sangrientos, pero se le ovacionaba. ¿Por qué? Porque era un autor argentino y en España se nos quieren muchísimo [...]. A la sombra de la patria, por razones de confraternidad, un modesto cronista fue elevado á categoría de genio, allí donde la gente no trata con mayor cariño ni á las personalidades más importantes de su literatura. Y aquí anoche ha pasado lo mismo. El maestro Nepomuceno, autor de la ópera 'Abul', ha recibido todos los homenajes que el afecto, la simpatía, los vínculos que la diplomacia establecen para el Brasil. La confraternidad le ha ganado homenajes que ni la obra magna de Ricardo Wagner ha conseguido. 'Parsifal' no ha merecido de nuestro público ni la décima parte de expresiones afectuosas de 'Abul', a quien anoche ovacionaron hasta los acomodadores del teatro. La consigna era general [...].

Los cronistas teatrales hoy tocan el bombo en honor de la obra e del autor, aun aquellos que hace una semana apenas se declararon poco conformes con el arte de Wagner en 'Parsifal' y arremetieron contra Ricardo Strauss en forma violenta. El maestro 'Abul', es decir, el maestro Nepomuceno escribe mejor que ellos á deducir por las crónicas y su ópera Nepomuceno, es decir, su ópera 'Abul', es superior á las dos citadas y á cuantas se vienen importando desde Italia, desde hace cinco años, pues todas fueron motivo de diatribas de esos colegas hoy tan entusiastas [...].

La farsa de los madrileños se repite. Lo que fue motivo de piadosas sonrisas – que se disimulaban con el esfuerzo del aplauso vehemente – y hoy debía ser tema fecundo para la crónica festiva, ha sido venerado como una reliquia por razones de confraternidad. Público e crítica ha visto en 'Abul' un símbolo del Brasil, y para demostrar el afecto á la república vecina se ha realizado una comedia en el fondo más amarga de lo que parece. El maestro Nepomuceno no ha podido apercibirse de la falsedad de todo lo ocurrido anoche; él no ha podido darse cuenta, emocionado pelo bautizo de su producción, de que en los entusiasmos de anoche non entran para nada sus facultades de músico ni de literato, que todo era obra de la empresa – dignamente representada por el gran Bordi y sus entusiastas muchachos – y de la diplomacia [...]. Ni siquiera se apercibió de la farsa cuando al terminar la Farnetti una especie de romanza en mitad del segundo ato, el público interrumpió la obra grotando vigorosamente: - ¡El autor! ¡El autor!

Nosotros no entendemos que el amor á un país deba expresarse así, ni tampoco que la diplomacia deba intervenir en las cuestiones de arte, pues la obra de arte no tiene patria y debe siempre considerarse por sus grados de belleza, no por su procedencia. El maestro Nepomuceno es acreedor de toda clase de gentilezas por ser persona simpática, correcta, culta. Pero no se debe exagerar la nota como se ha hecho pues se cae en lo ridículo y en lo doloroso. ¿Qué dirán en el Brasil cuando conozcan 'Abul', de nuestro criterio artístico? ¿Tragará acaso la píldora el maestro Nepomuceno, que ha visto nuestras reservas ante 'Parsifal' y nuestras arremetidas contra 'Salomé' de Strauss? Si no se siente superior á Wagner e a Strauss, debe sufrir inmensamente ante el embuste, ante los homenajes, que son como los homenajes de las 'cocottes' [...]. Y si se siente acreedor á todas esas fiestas, su pena será mayor. Ya se encargarán los cronistas del Brasil de bajarlo de su torre de ensueños, y como ésta es muy elevada, le caída será más violenta, salvo el caso de que el maestro Nepomuceno se aferre en sus creencias u se consuele ante las franquezas diciendo: 'nadie es profeta en su tierra'. O pensando en las diatribas que Wagner tuvo en su época [...]. (L'ultima Hora - 01/07/1913).

(Cf. Jornal do Comércio, 30/06/1913). A ópera de Alberto Nepomuceno foi cantada no *Teatro Municipal* daquela cidade no dia 15 de julho. A crítica especializada dos jornais locais é bem menos incisiva que aquela da capital, mas aponta para as mesmas qualidades e os mesmos defeitos. Também aqui a ópera é um sucesso de público, e lemos nos periódicos que o compositor e os intérpretes foram chamados várias vezes ao palco para receberem os aplausos. A partir dos periódicos a que tivemos acesso, observamos que alguns colonistas também apontam para o fato de que não podem fazer um juízo de valor da ópera em uma única audição. Sua complexidade musical exige mais intimidade com a peça, como podemos ver nas citações seguintes:

Com uma só audición e sem possuir antecedentes de nenhuma espécie, não é possível fazer crítica de uma obra como a que se apresentou à noite passada. Referimo-nos à ópera “Abul” do maestro brasileiro Nepomuceno. [...] Pois bem, à noite passada escutamos com verdadeiro interesse e cremos firmemente que a obra é de alto vôo artístico e que seu autor conhece profundamente todos os segredos da polifonia. (La Capital, [16/07/1913]).<sup>24</sup>

Trata-se de um trabalho de positivo mérito, e lamentamos muitíssimo não poder fazer uma análise mais objetiva da obra, pois uma primeira audición é realmente insuficiente para emitir um juízo seguro. (La Reacción, 16/07/1913).<sup>25</sup>

Não podemos precisar quando a companhia lírica italiana deixou Rosário e se dirigiu ao Uruguai, onde fez uma temporada na capital, Montevideú. Supomos que tenha deixado a Argentina alguns dias depois da apresentação da *Abul*, já que sabemos pela imprensa que a ópera brasileira foi a penúltima a ser apresentada em Rosário (Cf. La Reacción, 16/07/1913).

Alberto Nepomuceno tem sua ópera cantada na capital uruguaia em 15 de agosto de 1913, no *Teatro Solis*. A reação da imprensa aqui é mais positiva que aquela manifestada nas duas récitas anteriores, demorando-se em detalhes de construção composicional que ainda não tinham sido vistos. Importante notar

---

<sup>24</sup> Con una sola audición y sin tener antecedentes de ninguna clase, no es posible hacer crítica de una obra como la que se presentó anoche. Nos referimos a la ópera ‘Abul’ del maestro brasileño Nepomuceno. [...] Pues bien, anoche la hemos escuchado con verdadero interés, y creemos firmemente que la obra es de alto vuelo artístico y que su autor conoce profundamente todos los secretos de la polifonía. (La Capital, [16/07/1913])

<sup>25</sup> Tratase de un trabajo de positivo mérito, e lamentamos muy de veras no poder hacer un analisis más detenido de la obra, pues una primera audición es realmente insuficiente para emitir un juicio seguro. (La Reacción, 16/07/1913)

a citação do nome do compositor brasileiro Leopoldo Miguez ao lado do de Carlos Gomes como parâmetro para o julgamento da obra de Nepomuceno. Vejamos:

[...] o trabalho orquestral do maestro Nepomuceno aponta com toda evidência a um músico. Sua tendência a uma instrumentação wagneriana, plena, compacta, robusta, não impede que ele amiúde se deixe arrastar por fórmulas ingênuas, sem a contribuição instrumental dos diversos grupos, e assim advém a eficaz descrição dos rumores da selva no segundo ato e o tênu e elegante acompanhamento da orquestra. (El Dia, 22/08/1913).<sup>26</sup>

Desde os primeiros compassos da obra do maestro Nepomuceno, que fez conhecer à noite passada pela primeira vez ao nosso público o exímio regente Marinuzzi, pressentimos, ante a indicação do desenvolvimento temático que domina todo o primeiro ato, a revelação de um músico que segue a nobre rota empreendida por Gómez [sic] e Miguez.

Esse primeiro ato, aponta, como dissemos, um músico que domina totalmente todas as ‘ficelles’ [sic] do contrapontista moderno e do sinfonista consumado. Sua polifonia é clara e serena. Surgem os temas, desenvolvendo-se pelos diversos quartetos em construções multiformes, que em estreita união com a ação cênica, se fundem em um ‘ensemble’ [sic] quase sempre justo e em perfeito equilíbrio com a situação dos personagens e da obra [...].” (Diario del Plata, 22/08/1913).<sup>27</sup>

Porém, como na Argentina, há quem veja a obra com olhos mais severos:

---

<sup>26</sup> [...] el trabajo orquestral del maestro Nepomuceno acusa con toda evidencia á un músico. Su tendencia á la instrumentación wagneriana, llena, compacta, robusta, no impide que á menudo se deje arrastrar á fórmulas sencillas, sin la contribución instrumental de los diversos grupos, y así se advierten la eficaz descripción de los rumores de la selva en acto segundo y el tenue y elegante acompañamiento de la orquestra. (El Dia, 22/08/1913).

<sup>27</sup> “[...] Desde las primeras batutas de la obra del maestro Nepomuceno, que hizo conocer anoche por primera vez á nuestro público el exímio concertador Marinuzzi, presentimos, ante la indicación del desarrollo temático que domina todo el primer acto, la revelación de un músico, que siegue la noble ruta emprendida por Gómez [sic] e Miguez. Ese primer acto, acusa, como decimos, un músico que domina en absoluto todas las ‘ficelles’ [sic] del contrapuntista moderno y del sinfonista consumado. Su polifonía es clara y serena. Surgen los temas, desarrollándose por los diversos cuartetos en construcciones multiformes, que en estrecha unión con la acción escénica, se funden en un ‘ensemble’ casi siempre justo y en perfecto equilibrio con la situación de los personajes de la obra [...].” (Diario del Plata, 22/08/1913).

Declaro sinceramente que toda a representação de ontem à noite em Solis – estréia da ópera em três atos do maestro Nepomuceno, ‘Abul’ – somente a parte que serve de união aos quadros primeiro e segundo em que se divide o terceiro ato e que condensa todos os motivos da partitura me interessou vivamente. Os demais não causaram em meu espírito maior impressão. Quando ouvia os diálogos de ‘Abul’ e Ishah [sic] e os gorjeios dos passarinhos enquanto a sacerdotisa conta suas inquietudes e desejos no princípio do segundo ato – em um magnífico jardim repleto de vegetação e de luz – recordava a aspiração do filósofo de “O bem e o mal”, que pedia ao músico moderno um alívio, um aligeiramento, que ao moderar todas as funções animais por causa dos ritmos leves, de melodias douradas, delicadas e suaves como o azeite, tiram da vida o peso de bronze e chumbo que a imobilizam. Em Abul há muito da suavidade, da indecisão, da placidez que o ilustre escritor alemão pedia à ópera, em contradição com o que dava Wagner, seu último e mais acentuado ódio. O libreto – arrancado a uma novela inglesa de Herbert Ward – é de um misticismo que recorda, em muitas ocasiões, os personagens de ‘El profeta’ de Meyerbeer e de ‘Sansão e Dalila’ de Saint-Saens, sem que, naturalmente, tenha com eles nenhum parentesco musical. O amor religioso está por cima de todos os demais afetos humanos, e até o carinho que o protagonista inspira à sacerdotisa do deus Hurki alcança um caráter de exaltação mística tão acentuado que apaga todo estalido de voluptuosidade ou de simples paixão vulgar. Somente a resistência que as idéias de Abul encontram no espírito de seus pais – e que tem seu momento culminante no primeiro ato – dá um pouco de dramaticidade à cena, sem que por isso a sacuda bruscamente, nem mesmo a intensifique psicologicamente a ponto de avivar no espectador o interesse que a ação poderia lhe despertar. E com essa bagagem, bastante minguada, já que reduz o vôo da inspiração do músico a horizontes determinados, é que o maestro Nepomuceno compôs a obra que à noite passada se ouviu e se aplaudiu em Solis, e que se evidencia em seu autor um sinfonista consumado, um contrapontista de primeira ordem, não revela, por enquanto, ao ‘operista’ disposto a conquistar um posto de preferência entre os grandes compositores modernos. Há, sem dúvida, páginas muito bonitas em “Abul” – como a parte do terceiro ato antes indicado, a invocação de tenor no primeiro, o duo de Abul e Ishah [sic] no segundo, e o coro de sacerdotisas no terceiro – que dizem muito do sentimento, da preparação e, sobretudo, da sinceridade musical do maestro Nepomuceno, alheio a todo propósito especulativo, não bastando, porém, para dissimular a ausência de

vigor, de energia, de caráter que em quase toda a partitura se observa e que produz no auditório uma sensação de agradável relaxamento. A influência que visivelmente tem exercido e exerce também no temperamento do maestro Nepomuceno, são as idéias e procedimentos do incomensurável Wagner – em quem educou seu espírito e seu cérebro e a quem admira de forma nobre e corajosa, adivinha-se sem esforço através de sua obra que aqui e ali, em motivos e formas, conserva recordações da largueza de linha e da amplitude de concepção que distinguiu a produção daquele colosso. O que se encontra de menos, entretanto, em ‘Abul’, são as tendências e idéias claras, bem definidas, do autor. O músico consciente, competente, sábio, existe. Seu conhecimento de harmonia é quase perfeito, e seu domínio da orquestração também. Não necessita recorrer a complicações nem a sonoridades para expressar os sentimentos que estuda ou reflete. Nisto há que se proclamar sua franqueza, sua absoluta boa fé, muito pouco teatral desde logo, porém de um grande valor artístico. A falta de unidade no estilo, que provoca fadiga e reviravoltas na linha melódica, principal defeito de ‘Abul’, surge forçosamente da incerteza em que se encontra de sua devoção aos maestros que lhe iniciaram nos segredos das grandes fontes de beleza musical e dos impulsos de seu temperamento meridional, que talvez lhe empurre para rumos muito diferentes dos que se insinuam em ‘Abul’. O final da obra, que, por sua força dramática, a mais transcendental, adoece de fraqueza, e a catástrofe que Abul promove, com sua rebeldia, com a imagem do deus Uhri [sic], apenas merece um pequeno comentário da orquestra. Apesar de tudo isso, e da plácida serenidade em que se desenvolve a partitura, ela foi ouvida com agrado e festejada com simpatia. Cada final de ato arrancou uma ovação, exteriorizando-se na sala uma tendência ao aplauso muito maior que em nenhuma outra noite da temporada. A interpretação mereceu, indiscutivelmente, o elogio que aquelas ovações traduziam. [...] Ao maestro Marinuzzi se chamou várias vezes ao palco cênico também, recompensando-lhe pelo seu trabalho orquestral sempre justo e brilhante. Os demais intérpretes de ‘Abul’ desempenharam com discrição [...] produzindo o conjunto uma impressão de simpatia ao autor que, desejoso de conhecer primeiro o juízo estranho ao seu próprio país, nos ofereceu saborear as primícias de seu primeiro produto lírico, destinado a perpetuar a tradição que o talento do criador do ‘Guaraní’ [sic] deixou como herança gloriosa ao Brasil musical e de marcar moça clássica temporada lírica com uma peça que pode considerar-se, pelo que diz respeito ao progresso da

cultura sul-americana, um verdadeiro acontecimento artístico. (La Razón, 22/08/1913).<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Declaro sinceramente que de toda la representación de anoche en Solis – estreno de la ópera en tres actos del maestro Nepomuceno, ‘Abul’ – solo el trozo que sirve de unión a los cuadros primero y segundo en que se divide el tercer acto y que condensa todos los motivos de la partitura – me interesó vivamente. Lo demás no causó en mi espíritu mayor impresión. Cuando oía los diálogos de Abul e Ishah [sic] y los gorjeos de los pajarillos mientras la sacerdotisa cuenta sus inquietudes y deseos al principio del segundo acto – en un magnífico jardín pletórico de vegetación y de luz – recordaba la aspiración del filósofo de ‘El bien y el mal’, que pedía a la música moderna un alivio, un aligeramiento, que al moderar todas las funciones animales por efecto de ritmos ligeros, de melodías doradas, delicadas y suaves como el aceite, quitaran a ala vida la pesadez de bronce y plomo que la agobia. En ‘Abul’ hay mucho de la suavidad, de la indecisión, de la placidez que el ilustre escritor alemán pedía a la ópera, en contradicción con lo que daba Wagner, su último e más acendrado odio. El libreto – arrancado a una novela inglesa de Herbert Ward, és de un misticismo que recuerda, en muchas ocasiones, los sujetos de ‘El Profeta’ de Meyerbeer y de ‘Sanson e Dalila’ de Saint-Saens, sin que, naturalmente, tenga con ellos ningún parentesco musical. El amor religioso está por encima de todos los demás afectos humanos y, hasta el cariño que el protagonista inspira a la sacerdotisa del dios Hurki, alcanza un carácter de exaltación mística tan acentuado que apaga todo estallido de voluptuosidad o de simple pasión vulgar. Sólo la resistencia que las ideas de redención de Abul encuentra en el espíritu de sus padres – y que logra su momento álgido en el primer acto – da un poco de dramaticidad a la cena, sin que por eso la sacuda bruscamente, ni si quiera la intensifique psicológicamente hasta el punto de avivar en el espectador el interés que la acción pueda despertar-le. Y con este bagaje, bastante minguado, puesto que reduce el vuelo de la inspiración del músico a horizontes determinados, es que el maestro Nepomuceno ha compuesto la obra que anoche se oyó y se aplaudió en Solis, y que, se bien evidencia en su autor un sifonista consumado, un contrapuntista de primer orden, no revela, por hora, al ‘operista’ dispuesto a conquistar un puesto de preferencia entre los grandes compositores modernos. Hay, fuera de toda duda, páginas muy bellas en ‘Abul’ – como el trozo del tercer acto antes indicado, la invocación de tenor en el primero, el dúo de Abul e Ishah [sic] en el segundo y el coro de sacerdotisas en el tercero – que dicen mucho del sentimiento, de la preparación y, sobre todo, de la sinceridad musical del maestro Nepomuceno, ajeno a todo propósito especulativo, pero que no bastan para disimular la ausencia de vigor, de energía, de carácter que en casi toda la partitura se advierte y que produce en el auditorio una sensación de agradable laxitud. La influencia que visiblemente han ejercido e ejercen aún en el temperamento del maestro Nepomuceno las ideas e procedimientos del inconmensurable Wagner – en quien ha educado su espíritu y educado su cerebro, y a quien admira en forma noble y resuelta, se adivina sin esfuerzo a través de su obra, que aquí e allá, en motivos e formas, conserva recuerdos de la largueza de línea y de la amplitud de concepción que distinguió la producción de aquel coloso. El que se echa de menos, por lo tanto, en ‘Abul’, son las tendencias e ideas claras, bien definidas, del autor. El músico consciente, competente, sabia, existe. Su ciencia de la armonía es casi perfecta, y su dominio de la orquestación también. Non necesita recurrir a complicaciones ni a sonoridades para expresar los sentimientos que estudia o refleja, En eso hay que proclamar su franqueza, su absoluta buena fe, muy poco teatral desde luego, pero de un gran valor artístico. La falta de unidad en el estilo, que provoca desfallecimientos y alternativas en la línea melódica, principal defecto de ‘Abul’, surge forzosamente de la incertidumbre en que se encuentra de su devoción hacia los maestros que le iniciaron en los secretos de las grandes fuentes

Como recebeu tudo isso Alberto Nepomuceno<sup>29</sup>? Certamente o sucesso de público – que devemos relativizar – foi uma vitória para sua ópera, e esta vitória, ao findar o último ato da peça, já estava sendo transmitida por telégrafo ao Rio de Janeiro, onde a notícia era esperada por todos que acompanhavam sua carreira – amigos e inimigos – com grande apreensão, como graceja Oscar Lopes em sua coluna “A Semana”, no jornal *O Paiz*, quando da estréia da ópera no Rio de Janeiro (Cf. *O Paiz*, 10/09/1913).

Alberto Nepomuceno concede uma entrevista ao jornal *Correio da Manhã* em sua casa no Rio de Janeiro, após as apresentações na Argentina. Nesta entrevista percebemos que o compositor reagiu às objeções com naturalidade. Vejamos um trecho da entrevista:

- E a crítica?
- Tratou-me com grande gentileza. E, sobretudo, com imensa sinceridade. É essa a minha impressão. Não há dúvida, agiram com muita independência. [...]
- A crítica, porém, segundo lemos, fez algumas restrições ao seu trabalho.
- Sim principalmente sobre o libreto. Acharam-no pouco moderno e natural. Estão habituados aos libretos passionais da escola ‘verista’. E mostra-nos como Puccini e os companheiros de escola são adorados na Argentina, como o povo gosta da ‘Tosca’ e ‘d’Os Palhaços’, da

---

de belleza musical y de los impulsos de su temperamento meridional, que quizás le empuje a rumbos muy diferentes de los que insinúan en ‘Abul’. El final de la obra, que, por su fuerza dramática, debería ser el más trascendental de ella, adolece de flaqueza, y la catástrofe que Abul promueve con su rebeldía, hacia la imagen del dios Uhri [sic], apenas se merece un ligero comentario de la orquesta. A pesar de todo esto, e de la placida serenidad en que se desenvuelve la partitura, ella fue oída con agrado y festejada con simpatía. Cada final de acta [sic] arrancó una ovación, exteriorizándose en la sala una tendencia al aplauso mucho mayor que en ninguna otra noche de la temporada. La interpretación mereció, indiscutiblemente, el elogio que aquellas ovaciones traducían. [...] Al maestro Marinuzzi se le llamó varias veces al palco escénico también, recompensándole por su labor orquestal justa e brillante siempre. Los demás intérpretes de ‘Abul’ se desempeñaron con discreción [...] produciendo el conjunto una impresión de simpatía hacia el autor que, afanoso de conocer antes o juicio extraño que el de su propio país, nos ha ofrecido de saborear las primicias de su primer producto lírico, destinado a perpetuar la tradición que el talento del creador del ‘Guaraní’ [sic] dejó como herencia gloriosa al Brasil musical, e de señalar nuestra clásica temporada lírica con una velada que pode considerarse, por lo que dice del progreso de la cultura sudamericana, un verdadero acontecimiento artístico. (*La Razón*, 22/08/1913).

<sup>29</sup> Encontramos, ainda em Pereira, a indicação de que Nepomuceno não teria recebido os direitos autorais da apresentação da ópera na Argentina e no Uruguai (Cf. PEREIRA, 1995. p. 262), caso que também ocorrerá, posteriormente, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

'Madame Butterfly' e da 'Boheme'. Mas acha que não é um gênero musical, porque é brutal, é a manifestação de atos externos e a ação musical deve viver em atos interiores, mais íntimos. Assim também quanto à sua música, houve divergência na opinião da imprensa. Uns acharam-na wagneriana, à falta de um outro nome, mas melódica. Um jornal francês que lá existe disse que tinha alguma coisa da música de Samuel Rousseau. E outros falam em semelhanças com a música de Giordano e Debussy. Termina, então, Nepomuceno:

- Meras comparações. Certo, a minha música não é de uma originalidade completa; eu sou um homem do meu século, devo ter, por isso, ao lado das influências do meio, as impressões pessoais. (Correio da Manhã, [1913]).

Depois destes países, a companhia lírica *La Teatral*, inicia sua temporada no Brasil no dia 2 setembro de 1913, na qual apresentou a ópera *Abul* de Nepomuceno. Há que se pensar no entusiasmo dos cariocas e dos brasileiros que tiveram acesso às notícias de sucesso dessa obra musical brasileira no exterior, já que toda a crítica desfavorável foi minimamente divulgada pela imprensa.

No Rio de Janeiro, a *Abul* foi um sucesso de público e crítica como poucas obras. Os jornais são unânimes em elevar a ópera e seu autor às alturas da perfeição; o público que lotou o Teatro Municipal nas duas apresentações da obra deu à criação de Nepomuceno a vitória em solo brasileiro que ele tanto esperava desde 1905, ano em que terminou a composição. Aqui também é difícil não perceber o quanto a procura por uma identidade nacional influenciou a recepção da ópera por todos aqueles que a ouviram e que estiveram ligados a ela de alguma forma.

Também em São Paulo a recepção foi calorosa e as críticas dos jornais trazem as mesmas loas à obra.

Notamos, então, que a recepção da *Abul* está apoiada na ideologia nacionalista daquele período de forma marcante, sendo apresentada como um bem cultural brasileiro, uma produção brasileira de exportação, uma obra representativa do Brasil e de sua cultura, que apresenta os brasileiros como iguais diante do mundo civilizado. Este fator foi a chave para os sucessos e fracassos da *Abul* de Alberto Nepomuceno naquele ano de 1913.

Em 1915, a ópera é apresentada em Roma, Itália, sendo um grande fracasso de público e crítica. Depois disso, *Abul* não foi mais apresentada pela companhia lírica do empresário Walter Mocchi, e nunca foi montada na íntegra em lugar algum. Mesmo na montagem comemorativa ao centenário do autor em 1964 no Rio de Janeiro, foi apresentada com cortes. Há notícias de versões reduzidas com acompanhamento de piano que foram montadas, trechos orquestrais gravados em disco e execuções de trechos selecionados (Cf. CORRÊA, 1996).

## Referências

“ABUL” del maestro Nepomuceno: Un puñado de buenas intenciones. **El Teatro e los Artistas**, Buenos Aires, 01.07.1913.

AZEVEDO, Luiz Heitor Correia de. **Relação das óperas de autores brasileiros**. Ministério da Educação e Saúde: Rio de Janeiro, 1936.

CARVALHO, Flávio. O nacional em música na obra de Alberto Nepomuceno: Pilares cambiantes nas críticas de jornais cariocas. **Rotunda**. Campinas, v. 2, p. 5-14, 2003.

CASTRO, Luiz de. Maestro Alberto Nepomuceno. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 30.07.1913.

CORREIA, Sergio Nepomuceno Alvim. **Alberto Nepomuceno**: catálogo geral. MEC/FUNARTE: Rio de Janeiro, 1996.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. Enciclopédia de literatura brasileira. São Paulo: Global Editora. v. 2. 2001.

EL compositor brasileño. **El tiempo**. Buenos Aires, 01.07.1913.

EL estreno de “Abul”. **El Diálogo de la Plata**. Buenos Aires, 01.07.1913.

EL maestro Nepomuceno. **El Nacional**, Buenos Aires, 06.1913.

ESTRENO de “Abul” en el Coliseo. **La Nación**, Buenos Aires, 01.07.1913.

LOS excesos de la confraternidad: La farsa de anoche. **L’ultima Hora**, Buenos Aires, 01.07.1913.

O DISCURSO do grande maestro no banquete que lhe ofereceu o Ministro Souza Dantas. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, 15.07.1913.

PEREIRA, Avelino Romero Simões. **Música sociedade e política**: Alberto Nepomuceno e a República musical no Rio de Janeiro, 1995. 400 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

TRANQUILO, Pepe. “Abul” del maestro Nepomuceno. **L’ultima Hora**. Buenos Aires, 01.07.1913.